



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 02/12/2019



Dados espaciais da NASA podem reduzir tempos de resposta a desastres, custos

De acordo com um novo estudo, as equipes de emergência podem cortar custos e economizar tempo usando dados de satélite quase em tempo real junto com outras ferramentas de tomada de decisão após um desastre de inundação.

Por Jessica Merzdorf

No primeiro estudo da NASA a calcular o valor do uso de dados de satélite em cenários de desastre, os pesquisadores do Goddard Space Flight Center da NASA em Greenbelt, Maryland, calcularam o tempo que poderia ser economizado se os motoristas de ambulâncias e outras equipes de emergência tivessem tempo quase real. informações sobre estradas inundadas, usando as inundações do sudeste asiático de 2011 como um estudo de caso. O acesso pronto a essas informações poderia economizar uma média de nove minutos por resposta de emergência e potenciais milhões de dólares, disseram eles.

O estudo é o primeiro passo no desenvolvimento de um modelo para implantar em futuros desastres, segundo os pesquisadores.

Com vidas em risco, tempo é dinheiro

Em 2011, fortes chuvas de monção e as condições de La Niña em toda a bacia do rio Mekong, no sudeste asiático, inundaram e destruíram milhões de acres de colheitas, deslocando milhões de pessoas e matando centenas. Perry Oddo, da NASA Goddard, e John Bolten investigaram como o acesso a dados de satélite em tempo quase real poderia ter ajudado após as inundações, concentrando-se na área em torno de Bangkok, na Tailândia.

No trabalho anterior, eles ajudaram a desenvolver um algoritmo que estimava a profundidade da água da enchente a partir de observações espaciais, e depois combinaram esses dados com informações sobre infraestrutura local, população e cobertura do solo. Eles usaram esse algoritmo para calcular o risco de desastre na região, considerando a vulnerabilidade e a exposição para vários tipos de cobertura da terra, e mapearam onde os danos mais caros ocorreram. A avaliação do custo dos danos pode ajudar os gerentes de emergência a ver quais áreas precisam mais de recursos e também ajudar no planejamento de mitigação de inundações e desenvolver a resiliência a desastres. A equipe usou essa ferramenta para apoiar a recuperação de desastres após a falha de 2018 da barragem hidrelétrica Xepian-Xe Nam Noy no Laos.

No estudo atual, os pesquisadores investigaram o valor das informações quase em tempo real nas estradas inundadas - especificamente, quanto tempo poderia ter sido economizado com o fornecimento de mapas de inundação por satélite para atendentes de emergências em sua viagem da estação até o destino.

As informações de profundidade de inundação foram calculadas a partir do espectrorradiômetro de imagem de resolução moderada da NASA (MODIS) e a cobertura do solo dos satélites NASA-USGS Landsat. Os dados de infraestrutura, estradas e população vieram do Centro de Aplicações e Dados Socioeconômicos da NASA (SEDAC) e do OpenStreetMap, uma fonte de dados geográficos de acesso aberto.

"Escolhemos dados que representassem o que saberíamos dentro de algumas horas do evento", disse Perry Oddo, cientista associado da Goddard e principal autor do estudo. "Levamos estimativas da profundidade e dos danos das inundações e perguntamos como aplicar isso para encaminhar respostas e suprimentos de emergência. E, finalmente, perguntamos: qual é o valor de ter essa informação?"

Primeiro, os pesquisadores usaram o serviço de navegação do OpenRouteService para mapear as rotas mais diretas entre os locais de despacho de emergência e as áreas em necessidade, sem inundar as informações. Em seguida, eles adicionaram informações de inundação em tempo quase real ao mapa, gerando novas rotas que evitavam as áreas mais inundadas.

As rotas diretas continham cerca de 16 quilômetros de estradas inundadas em suas recomendações. Por outro lado, as rotas com informações sobre inundações eram mais longas, mas evitavam todas as áreas altamente inundadas e continham apenas 8 km das estradas afetadas. Isso fez com que as rotas com reconhecimento de inundação fossem 9 minutos mais rápidas do que as contrapartes da linha de base em média.

"O tempo de resposta para as equipes de emergência depende muito da disponibilidade e fidelidade das regiões mapeadas", disse John Bolten, gerente de programa associado do Programa de Recursos Hídricos da NASA Earth Science, e o segundo autor do estudo. "Aqui demonstramos o valor desse mapa, especialmente para equipes de emergência, e atribuímos um valor numérico a ele. Ele tem muito

valor para o planejamento de futuros cenários de resposta, permitindo que passemos dos dados para a tomada de decisões. ”

Uma redução de 9 minutos no tempo de resposta pode parecer insignificante, mas pesquisas anteriores atribuíram esse valor a milhões de dólares, disse a equipe. Embora Oddo e Bolten não incluíssem cálculos financeiros explícitos em seu modelo, um estudo anterior no sudeste da Ásia mostrou que reduzir o tempo de resposta dos veículos de emergência em apenas um minuto por viagem ao longo de um ano poderia economizar até US \$ 50 milhões.

Trabalhando juntos para salvar vidas

O estudo representa um primeiro passo em direção a um modelo que pode ser usado em futuros desastres, afirmou a equipe.

A NASA participa de pesquisas e aplicações no sudeste da Ásia há mais de 15 anos por meio de vários esforços de ciências da terra, incluindo desastres, recursos hídricos e programas de capacitação da NASA . Através desses esforços, a NASA trabalha com parceiros regionais - incluindo a Comissão do Rio Mekong (MRC), o Centro Asiático de Preparação para Desastres (ADPC) e outras agências - para fornecer dados de observação da Terra e ferramentas de valor agregado para tomadores de decisão locais na bacia do rio Mekong .

Oddo e Bolten não apenas desenvolveram ferramentas para parceiros, mas também compartilharam seus resultados com os tomadores de decisão do Sudeste Asiático.

"O Programa de Ciências Aplicadas às Ciências da Terra da NASA trabalha colaborando com parceiros de todo o mundo", disse Bolten. "Isso não é apenas pesquisa; nossos grupos de parceiros precisam desesperadamente dessas informações. O trabalho que apresentamos aqui demonstra a utilidade das observações de satélite no fornecimento de informações que informam a tomada de decisões e mitigam o impacto de desastres causados por inundações, tanto seu impacto monetário quanto talvez perda de vidas.

FONTE: <https://www.nasa.gov/feature/goddard/2019/nasa-space-data-can-cut-disaster-response-times-costs>



Nova edição da Proteção da Criança Padrão Mínimo

A Aliança para a Proteção da Criança em Ação Humanitária (a Aliança) é uma rede global de agências operacionais, instituições acadêmicas, formuladores de políticas, doadores e profissionais. Sua missão é apoiar os esforços dos atores humanitários para alcançar intervenções eficazes e de alta qualidade na proteção das crianças, tanto em ambientes humanitários para refugiados quanto para não-refugiados. A Aliança

consegue isso principalmente facilitando a colaboração entre agências em proteção à criança e produzindo padrões e ferramentas técnicas.

A Aliança prevê um mundo em que as crianças sejam protegidas contra abuso, negligência, exploração e violência em todos os contextos humanitários.

FONTE: <https://handbook.spherestandards.org/en/cpms/#ch001>



Lançamento oficial do manual Sphere na Argentina

Profissionais humanitários argentinos discutem o novo Manual Esfera

Em 7 de novembro, o Sphere Handbook foi oficialmente apresentado a autoridades argentinas e atores humanitários durante um evento de lançamento em Salta. O evento foi organizado pela Esfera ponto focal locais ADRA Argentina, a Proteção Civil Salta, Scouts de Argentina, e Martín Villarroel, ponto focal Sphere na Bolívia

FONTE: <https://www.adra.org.ar/blog/2019/11/12/lanzamiento-oficial-del-manual-esfera-en-argentina/?fbclid=IwAR1XpIVGNVaHKUwSaTTIWmcaR3bhQZ3KficnnMC-E4i5XfjwIXcw66t1Xak>



Brasil

SindusCon SP

PNUD e parceiros lançam guia que calcula quantidade de água utilizada na construção civil

O Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusCon-SP), a Caixa Econômica Federal e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) lançaram esta semana em São Paulo (SP) um guia que permite calcular a quantidade de água utilizada na construção de edificações.

O Guia Metodológico de Cálculo de Pegada Hídrica em Edificações está disponível gratuitamente para download.

Apresentado durante o seminário “Conservação de Água e Uso de Fontes Alternativas em Edificações – Diferencial Competitivo para Empreendimentos”, o guia teve como consultora técnica a empresa Infinitytech Engenharia e Meio Ambiente.

A diretora técnica da Infinitytech, Virginia Sodré, explicou que, a partir do cáculo da pegada hídrica, incorporadoras, construtoras e clientes poderão tomar decisões para aperfeiçoar seus projetos e compras e, assim, racionalizar o consumo de  gua.

“No futuro, os empreendimentos poderão ser etiquetados quanto ao impacto sobre o

consumo de água, a exemplo da etiquetagem já existente de equipamentos e edificações, que atesta o grau de eficiência no consumo de energia”, afirmou.

Uso racional dos recursos naturais

Para o vice-presidente do SindusCon-SP, Francisco Antunes de Vasconcellos Neto, essas normas e publicações “constituem o arcabouço que vai viabilizar o uso racional e consciente da água, dando embasamento técnico às ações e legislações pertinentes e possibilitando o uso seguro deste recurso natural pela população”.

Já o gerente-executivo da Caixa Econômica Federal, Eduardo Von Schwerin Pimentel, anunciou que a instituição renovou a certificação Casa Azul para estimular o uso racional dos recursos naturais na construção e no uso de empreendimentos, mediante a maximização dos benefícios para os projetos mais sustentáveis.

“A certificação da Caixa para empreendimentos sustentáveis, que já tinha as categorias Bronze, Prata e Ouro, ganhou uma nova: Diamante, quando a construtora demonstra a adoção de inovações”, informou Pimentel. A certificação dá direito a condições mais vantajosas de financiamento.

Presente no lançamento, o assessor sênior do PNUD, Haroldo Machado Filho, especialista em desenvolvimento sustentável, enfatizou que a participação de vários atores de diferentes setores – entre eles, governo, iniciativa privada, sociedade civil organizada e agentes de financiamento – é importante para o desenho e implementação de políticas públicas eficazes para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), dentre os quais se prevê acesso universal à água potável e ao saneamento básico até 2030.

“Cumprir esse objetivo depende de buscarmos soluções não convencionais e disruptivas”, afirmou.

Pegada Hídrica

Coordenadora do Comitê de Meio Ambiente (Comasp) do SindusCon-SP e da comissão de estudos da ABNT que elaborou a norma de conservação de água em edificações, Lilian Sarrouf atribuiu as legislações mal feitas sobre o tema à falta de normas técnicas que lhes deem embasamento, e destacou o protagonismo da construção civil na elaboração do regramento.

Segundo ela, legislações eficientes devem promover boas práticas, incentivá-las e fornecer diretrizes, e não devem obrigar a determinadas práticas sem viabilidade, especificar soluções, definir questões técnicas, restringir avanços e gerar insegurança.

Ela enfatizou que o uso de fontes alternativas pode se tornar viável se feito de forma articulada entre poder público e iniciativa privada, buscando compatibilizar as leis de saneamento e dos códigos de obras.

FONTE: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2019/guia-pioneiro->

[possibilita-calculo-da--pegada-hidrica---que-mede-.html](#)

FONTE: <https://meioambiente.portalsinduscon.com.br/guia-pegada-hidrica>



Itália: sem melhor proteção contra inundações, Veneza corre o risco de perder o status do patrimônio



Danos crescentes à cidade histórica podem pôr em risco seu status, alerta a UNESCO, pois um sistema de proteção contra inundações permanece atrasado

Por Anna Scholz-Carlson

Veneza pode perder seu status de Patrimônio Mundial se não se proteger adequadamente do agravamento das inundações, alertaram representantes da UNESCO, pois ofereceram ajuda após recentes inundações.

"Os principais edifícios que estão dentro da área de Patrimônio Mundial estão ameaçados ... isso é uma grande preocupação para nós, principalmente porque esse não é um incidente isolado", disse Mechtild Rössler, diretor do Centro do Patrimônio Mundial à Fundação Thomson Reuters.

Veneza sofreu grandes danos quando as águas atingiram um dos níveis mais altos em mais de 50 anos neste mês.

A histórica Basílica de São Marcos da cidade precisará de milhões de euros em obras de restauração depois que seus delicados mosaicos de mármore foram expostos a

água salgada destrutiva, disse o curador.

Prevê-se que esses danos piorem nos próximos anos, à medida que as mudanças climáticas impulsionam o aumento do mar e as inundações mais frequentes das pequenas ilhas da cidade, situadas dentro de uma lagoa de água salgada, dizem especialistas em patrimônio.

O Comitê do Patrimônio Mundial, um órgão independente de 21 representantes estaduais responsáveis por tomar decisões sobre o status do patrimônio, reluta em remover qualquer local da lista, já que a inclusão é um motivo de conservação, disse Roni Amelan, porta-voz da UNESCO.

Até agora, apenas dois sites foram removidos da Lista do Patrimônio Mundial, disse ele.

Eles incluem o santuário Oryx árabe de Omã em 2007, devido à falta de proteção, e, em 2009, o vale do Elba de Dresden na Alemanha quando uma ponte foi construída em todo o local.

Nos dois casos, o "excelente valor universal" dos sites foi comprometido, disse Amelan em um email.

Com Veneza enfrentando inundações mais frequentes, uma missão consultiva da UNESCO para a cidade foi planejada para 2020, com o Centro do Patrimônio Mundial se preparando para enviar especialistas para trabalhar com a cidade para avaliar o que precisa ser feito.

Riscos crescentes

A cidade é reverenciada como uma obra-prima arquitetônica e possui uma das maiores concentrações de arte e arquitetura famosas do mundo, de acordo com o site do centro histórico.

Suas 118 pequenas ilhas e lagoa foram projetadas como Patrimônio Mundial em 1987.

Enquanto a cidade italiana experimenta regularmente inundações no outono e no inverno, as recentes inundações, que atingiram 1,8 metro acima do nível do mar, são uma indicação clara do agravamento da mudança climática, disse Rössler.

O aquecimento global causa aumento do nível do mar e eventos climáticos mais extremos, desde chuvas e tempestades mais fortes a ventos mais fortes que podem empurrar a água em direção à lagoa, disse Rössler.

"A UNESCO e as autoridades nacionais e a cidade precisam lidar com isso a longo prazo", afirmou.

Veneza desde 2003 trabalha na instalação de um sistema de portões de proteção

contra inundações chamado MOSE - o Módulo Eletromecânico Experimental.

Mas o projeto, destinado a manter a maré alta e outras águas da enchente fora da lagoa, atolou em uma "miríade" de problemas, disse Rössler.

Os críticos dizem que o projeto foi atormentado por corrupção, excedentes de custos e atrasos prolongados. Os engenheiros agora prevêem que o sistema de defesa marítima estará pronto no final de 2021, a um custo de 5,5 bilhões de euros (US \$ 6,1 bilhões).

O custo estimado original do projeto foi de 1,6 bilhões de euros (US \$ 1,8 bilhão).

As autoridades do Centro do Patrimônio Mundial também estão preocupadas com o fato de que, uma vez concluídas as barreiras do MOSE, o sistema, projetado décadas atrás, possa ser inadequado para manter o nível do mar cada vez mais alto, disse Rössler.

"Este não é um projeto para agora e amanhã. Este é um projeto de longo prazo, e esse projeto precisa levar em consideração os estudos mais recentes", observou ela.

Preocupado com o aumento dos riscos de mudanças climáticas, o centro do patrimônio adotou uma política climática em 2007 e realizou uma avaliação de riscos de seus locais.

A UNESCO também está realizando iniciativas de educação e conscientização pública sobre os riscos das mudanças climáticas, de acordo com seu site. Um estudo de 2018 do centro do patrimônio descobriu que 37 dos 49 locais culturais do Patrimônio Mundial no Mediterrâneo já estão em risco de inundação e 42 enfrentam ameaças de erosão costeira.

Rössler disse que sua organização disponibilizará para os especialistas em patrimônio cultural e natural de Veneza sua rede e poderia ajudar na arrecadação de fundos para os esforços de restauração, embora a Itália - lar de 55 locais do Patrimônio Mundial - tenha muitos conhecimentos próprios, disse ela.

As piores inundações registradas que atingiram Veneza ocorreram em 1966, quando 1,9 metro de altura. Depois disso, a UNESCO lançou uma Campanha Internacional de Salvaguarda e empreendeu trabalhos para restaurar e reparar obras de arte e monumentos.

Desta vez, também "estamos prontos para ajudá-los o máximo possível", disse Rössler.

FONTE: <http://news.trust.org/item/20191121144233-zyqjb/>



Itália: Veneza em perigo

Por Robert Muir-Wood, Diretor de Pesquisa RMS

A primeira vez que notei a coincidência, presumi que houvesse um erro. As inundações mais caras da história italiana moderna inundaram a cidade de Florença em 4 de novembro de 1966. O rio Arno rompeu suas margens e inundou o coração mais baixo da cidade, com seis metros de água em algumas ruas ribeirinhas. Cem pessoas morreram e três a quatro milhões de livros e manuscritos medievais de valor inestimável, juntamente com preciosas obras de arte armazenadas nos porões, foram danificados e destruídos. Foi a pior inundação da cidade por pelo menos 400 anos.

Mas então a inundação mais alta medida “tempestade” de acqua alta em Veneza atingiu 1,94 metros acima do dado do nível do mar, no mesmo dia de novembro de 1966: 4 de novembro.

Dois fenômenos bastante distintos - um relacionado a chuvas persistentes, o outro a ventos sustentados e baixa pressão, afogando as duas cidades-estados mais famosas da Itália renascentista, separadas por 260 quilômetros (160 milhas), no mesmo dia. Parecia tão improvável quanto um terremoto da M8 em São Francisco, chegando no mesmo dia que um furacão Cat 5 em Miami. Em princípio, pelo menos, quantas seguradoras considerariam sua carteira comercial de inundações costeiras venezianas e sua carteira comercial de inundações florentinas nos rios e assumiriam que ambas poderiam sofrer sua perda máxima no mesmo dia?

Repetição da história

A razão física para a correlação Veneza-Florença voltou a ser destacada 53 anos depois, em novembro de 2019. Em 12 de novembro de 2019, o nível da água em Veneza atingiu um pico de 1,87 metros, o segundo mais alto já registrado, apenas sete centímetros mais baixo do que o atingido em 1966. Cerca de 80% de Veneza estava debaixo d'água. Cinco dias depois, outra maré alta em Veneza chegou a 1,5 metro e novamente inundou grande parte da cidade. No mesmo dia (17 de novembro), o rio Arno, que atravessa Florença, estava a 4,8 metros, com avisos de inundação emitidos em Florença e a jusante em Pisa, a 70 quilômetros, antecipando que o nível poderia atingir a altura crítica de 5,5 metros.

Os maiores totais pluviométricos da bacia hidrográfica de Arno provêm de depressões outonais paralisadas, que também podem trazer ventos persistentes do sudeste, provocando um surto no Adriático. Grandes inundações ocorreram em Florença cerca de uma vez por século. Com o mar ainda quente, o início de novembro traz as chuvas mais altas. No século XIV, o pico de fluxo no Arno ocorreu em 4 de novembro de 1333. No século XIX, o pico ocorreu em 4 de novembro de 1844. Talvez o mais alto de todos os acqua altas conhecidos em Veneza tenha ocorrido em 5 de novembro de 1686.

Os níveis de água estão subindo em Veneza devido a uma combinação de níveis eustáticos do mar e subsidência da terra. As pinturas de Canaletto dos prédios do

canal revelam como o anel de algas no nível do mar verde se moveu ao longo dos séculos - aumentando em média 2,3 milímetros por ano desde meados do século XVIII, mas a taxas mais lentas no século XVII. Veneza afundou 25 centímetros no século XX, 60% dos quais atribuídos ao subsidência que acompanha a extração em águas profundas de indústrias situadas ao redor da lagoa. A cidade continua a afundar de 0,6 a 1,6 milímetros por ano, nos quais você pode adicionar o aumento do nível do mar eustático de cerca de três milímetros por ano.

Contando com MOSE

Em maio de 2003, Silvio Berlusconi lançou o projeto “Módulo Sperimentale Elettromeccanico” (ou MOSE), composto por 78 portões cheios de ar, destinados a impedir que uma tempestade significativa entrasse na Lagoa de Veneza. Programada para ser concluída em 2018, os excedentes de custos e a corrupção levaram a data para 2021-2022. À medida que o nível do mar subir, os portões precisarão ser fechados por períodos cada vez mais longos, enquanto os navios de cruzeiro, que já trazem muitos dos esmagadores 36 milhões de turistas a cada ano, exigirão que os portões sejam mantidos abertos.

Um evento de acqua alta é definido como um nível do mar acima de 110 centímetros e atualmente leva a inundações na cidade em média cinco a dez vezes por ano; uma taxa que, sem intervenção, aumentará significativamente ao longo do século XXI. Os lojistas de Veneza estão acostumados a eventos comuns de acqua alta, colocando guardas contra enchentes em suas portas e continuando a negociar pela porta aberta. Durante uma enchente moderada, as pessoas andam pela cidade em bancos. Veneza é uma manifestação do que está por vir em muitas cidades costeiras ao longo do século XXI, vivendo com o aumento do nível do mar e acomodando cada vez mais frequentes “dias ensolarados” ou inundações incômodas. A cidade, com seus 50.000 habitantes não mais morando no térreo, poderia oferecer cursos sobre estratégias de enfrentamento.

No entanto, as inundações são a única ameaça à cidade?

A geomorfologia das principais ilhas venezianas é intrigante. A terra ocupa um triângulo arredondado com uma base oeste-leste, com cerca de quatro quilômetros de comprimento e três quilômetros de norte a sul. No lado sul, inclui um extenso canal fluvial sinuoso e profundo, orientado quase a leste-oeste (o Canale della Giudecca), que separa a ilha de Giudecca do resto de Veneza. Nesse amplo canal, do nordeste, corre um canal sinuoso mais estreito, conhecido como Grande Canal.

Essa configuração de canais sinuosos é característica de um pântano de sal. A característica intrigante é por que qualquer terra adjacente a esses canais se eleva acima da maré alta. A elevação do solo no centro da cidade é de 90 centímetros. Meu palpite é que uma falha de impulso cego é subjacente à cidade, que elevou a terra um metro ou dois, em algum terremoto pré-histórico. Isso explicaria por que a forma das ilhas não tem relação com o padrão de canais.

Terremotos ocorreram nas proximidades de Veneza através da história. Em 2012, dois terremotos em Magnitude 6.1 e 5.8 atingiram Emilia Romagna, no Vale do Po, 120 quilômetros a sudoeste de Veneza, causando 27 mortes e vários bilhões de euros em danos. Os terremotos estavam situados em falhas cegas de impulso, orientadas leste-oeste, como poderia ser sugerido sob Veneza. A recuperação pós-sísmica poderia então fazer parte da explicação para a subsidência da cidade.

Começamos essa história com uma busca por correlação inesperada. Seria irônico se um terremoto fosse provocado na lagoa veneziana por uma "acqua alta".

FONTE: <https://www.rms.com/blog/2019/11/21/venice-in-peril/>



Estudo de caso: resposta ao deslizamento de terra de Serra Leoa 2017 - usando plataformas digitais para colocar as populações afetadas no centro da resposta

Nos compromissos formais do Comitê Permanente entre Agências (IASC) em relação à prestação de contas às populações afetadas (CAAPs), reconheceu-se que “a comunicação e a inclusão de populações afetadas pela crise no desenho e na prestação de assistência humanitária são parte integrante do alcance fortalecido. prestação de contas às populações afetadas. ”

O caso da resposta da UNICEF Serra Leoa às inundações e deslizamentos de terra de agosto de 2017 é um exemplo claro de como a plataforma U-Report da plataforma de mensagens sociais pode ser uma ferramenta poderosa para manter a voz dos membros da comunidade no centro do projeto, implementação e curso correção de programas de resposta humanitária e pode aprimorar as estratégias mais amplas de C4D para atender às necessidades e envolver as populações afetadas. A Serra Leoa permanece entre os países mais pobres do mundo, ocupando 179 dos 188 países no Índice de Desenvolvimento Humano em 2016. Nos últimos anos, a Serra Leoa tem lidado com o impacto devastador da epidemia do vírus Ebola 2014-2015, que registrou quase 13.500 casos e quase 4.000 mortes.

Foi durante essa epidemia que o UNICEF criou o U-Report - uma ferramenta gratuita de mensagens sociais que é um sistema de entrega de informações e também uma plataforma para o envolvimento da comunidade.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/69103_c4dinhumanitarianactioncasestudysie.pdf

FONTE: <https://theconversation.com/sierra-leone-mudslide-was-a-man-made-tragedy-that-could-have-been-prevented-82783>

IOPscience

Futuras ondas de calor, secas e inundações em 571 cidades europeias

Este documento avalia, pela primeira vez, futuras mudanças nos impactos de inundações, ondas de calor (HW) e secas em todas as 571 cidades europeias no banco de dados de Auditoria Urbana, usando uma abordagem consistente. Para capturar toda a gama de incertezas nos modelos climáticos e de variabilidade natural, este documento utiliza todas as execuções de modelos climáticos da fase 5 do projeto de intercomparação de modelos acoplados (CMIP5) para o cenário de emissões RCP8.5 para calcular cenários de baixo, médio e alto impacto, que correspondem aos percentis 10, 50 e 90 de cada perigo para cada cidade. Essa metodologia comum aumenta a utilidade e a comparabilidade das informações em cidades individuais.

O artigo conclui que os dias de HW aumentam em todas as cidades, mas especialmente no sul da Europa, enquanto os maiores aumentos de temperatura de HW são esperados nas cidades da Europa Central. Para o cenário de baixo impacto, as condições de seca se intensificam nas cidades do sul da Europa, enquanto as inundações dos rios pioram nas cidades do norte da Europa. No entanto, o cenário de alto impacto projeta que a maioria das cidades europeias verá aumentos nos riscos de secas e inundações nos rios. Mais de 100 cidades são particularmente vulneráveis a dois ou mais impactos climáticos. Além disso, a magnitude dos impactos excede os relatados anteriormente, destacando o desafio substancial que as cidades enfrentam para gerenciar riscos climáticos futuros

FONTE: <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/aaaad3/pdf>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>